

A BASE DA VIOLÊNCIA

Colégio Pedro II - Departamento de Sociologia

Marques, Edmilson. A base da violência. *Revista Sociologia*, número especial 1, 2007.

A violência é uma das principais questões da sociedade moderna, exaustivamente discutida e debatida na atualidade. Como diz Nilo Odalia, as violências se disseminam por todas as partes; elas se oferecem quando abro um jornal, quando assisto à televisão. Elas estão na discriminação racial, nas diferenças entre as classes sociais, na fragmentação do trabalhador, nos preconceitos políticos, na separação dos sexos, e assim por diante. Na tentativa, então, de alcançar um entendimento que se aproxime de fato da base real da violência é que objetivamos discutir uma de suas especificidades que é a violência urbana.

Para compreender a violência urbana precisamos esclarecer algumas questões como: o que é, onde está sua origem e por que é um dos principais fenômenos existentes na sociedade moderna. Se conseguirmos responder a essas questões, naturalmente estaremos oportunizando a sua compreensão. E para tomar mais clara a nossa discussão, faremos primeiramente uma breve descrição histórica do processo que dá origem ao crescimento das cidades, já que é a partir do desenvolvimento do espaço urbano que ocorre o surgimento da violência urbana, seguida de uma análise do contexto em que se efetiva tal violência.

Portanto, é com o processo histórico de locomoção das pessoas do campo em direção às cidades, consequência do desenvolvimento do modo de produção capitalista que

invade o campo expulsando dali os moradores destas regiões, que há o abarrotamento do espaço urbano dando origem a novas relações sociais. Assim, a composição humana do meio urbano vai sendo configurada de forma clara e transparente: de um lado os dominantes e do outro os dominados. Nesta mesma perspectiva, afirmou o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, em épocas passadas, no prefácio do livro *A Espoliação Urbana*, de Lúcio Kowarick, que a cidade é uma forma de divisão social do trabalho que separa o campo da cidade e que joga quem foi expropriado de seus meios de vida na convivência com os expropriadores.

Neste movimento surgem, de forma dominante, os bairros periféricos (favelas, etc.) para acomodação dessas pessoas que migraram do campo. Surgem também os setores das “belas” casas, reservados para aqueles que têm o privilégio do desfrute da propriedade, condomínios fechados, setores comerciais etc. Só para citar, em Kowarick (1979), um exemplo da desigualdade social é o predomínio dos oprimidos em bairros periféricos em relação aos dominantes, “as favelas de São Paulo - meros 1,2% da população em 1973, mas 19,8% em 1993 - cresceu na década de 1990 no ritmo explosivo de 16,4% ao ano. Na Amazônia, uma das fronteiras urbanas que cresce com mais velocidade em todo o mundo, 80% do crescimento das cidades tem ocorrido nas favelas”.

É com o desenvolvimento do

capitalismo que ocorre então o processo de separação e hegemonia das cidades em relação ao campo, já que a cidade movida pela força do capital transforma o campo em um local de abastecimento de suas necessidades (alimento, combustível, energia etc). Esse movimento logo traz como consequência o surgimento da divisão social do trabalho e isso dá origem ao fenômeno social denominado “violência urbana”. Para demonstrar que este é um fenômeno mundial recorremos ao que diz o pesquisador Mike Davis em seu livro *Planeta Favela*, para o qual a África como um todo, hoje numa idade das trevas de estagnação do emprego urbano e paralisia da produtividade agrícola, foi capaz de manter uma taxa de urbanização anual (3,5% a 4,0%) consideravelmente maior do que a média da maioria das cidades européias (2,1%).

Portanto, com o processo de urbanização, a relação social derivada dessa mesma organização vai dar origem ao termo violência urbana. No entanto, há cidades de todos os tamanhos: pequenas, médias, grandes, cada uma, de acordo com o desenvolvimento de sua produção, com características diferentes, porém, com alguns pontos que são comuns entre si, e um desses pontos, fundamentalmente, é a forma como os indivíduos produzem para sua sobrevivência, ou seja, o modo de produção; no caso dos espaços urbanos da modernidade, o modo de produção capitalista. A partir daí podemos



Chacina de Vigário Geral, 1993.

Na madrugada do dia 29 de agosto de 1993, a favela de Vigário Geral, na zona norte do Rio, foi invadida por um grupo de aproximadamente cinquenta homens encapuzados, pertencentes a um grupo de extermínio formado por PMs, e fortemente armados, que arrombaram casas e executaram 21 moradores. O Ministério Público acusou um total de 52 PMs de envolvimento no grupo de extermínio responsável pelo massacre.

2 - Violência urbana e reprodução da opressão capitalista

perceber que, mesmo se diferenciando no tamanho, todas as cidades existentes contêm um grau de violência comum entre si, produto da forma de organização imposta por essa base que é o modo como os indivíduos produzem para sua sobrevivência. As grandes cidades, naturalmente, desenvolverão violências num grau mais elevado, devido ao alto grau de desenvolvimento na sua produção.

Por outro lado, a partir da separação e hegemonia das cidades sobre o campo, dá-se, simultaneamente, a estruturação clara de uma sociedade dividida em classes sociais. Essas classes, por sua vez, regidas pela lógica das sociedades historicamente existentes até então, vão manter uma luta cruel entre si. Porém, uma luta desigual, onde uma classe composta por uma minoria passa a dominar as demais classes existentes e fazer destas o combustível para a manutenção dos seus privilégios. A partir dessa relação fundamental das modernas sociedades, perceberemos que as relações sociais existentes são uma relação de conflito, opressão e exploração. Assim, com o desenvolvimento do capitalismo, emerge no seio deste, relações sociais baseadas no conflito e na divisão da sociedade em classes sociais, onde uma classe domina e impõe às outras uma estrutura social baseada nos seus valores. Obviamente que se há uma classe que domina, há também uma classe que é dominada. Essa relação entre dominantes e dominados é o que se denomina luta de classes e é a base que dá origem às diversas formas de violência existentes na sociedade moderna, incluindo aí a violência

urbana.

A partir daí, as classes dominadas buscarão se defender. Porém, o que acontece é que a classe que domina cria mecanismos para legitimar a violência que exerce sobre as classes dominadas. Daí, qualquer reação das classes dominadas será taxada de violenta. Por exemplo: o que faz uma pessoa ao mendigar por um pedaço de pão, senão expressar a violência que recebe no dia-a-dia da rotina da vida nas cidades? O que está querendo dizer um "adolescente" quando "furta", nos grandes centros, qualquer objeto que "pertença" a outra pessoa, senão que vivemos numa sociedade de profundas desigualdades sociais, e que aqueles que muito possuem, querem apenas que sua propriedade se perpetue afundando mais e mais a sociedade em profundas contradições? Que resposta uma criança dá à sociedade do consumo, de grandes propriedades e "belas" coisas, quando pede um trocado pelas ruas, senão a de que é integrante da classe majoritária da sociedade que é oprimida, explorada e jogada ao seu estado mais febril de desumanização? Assim, ressalta o cientista social Ruben George Oliven, *"o assaltante, o trombadorinha -, poder-se-ia encarar a violência como estratégia de sobrevivência num contexto onde as desigualdades sociais são grandes"*.

Até aqui podemos ver que a violência urbana tem sua origem na relação entre dominantes e dominados a qual vai determinar a organização das cidades. Portanto, a violência é uma característica das sociedades divididas em classes sociais. A existência da sociedade de classe é o que provoca a violência. E as cidades, com suas

composições baseadas numa configuração de desigualdade e na dominação de uns poucos sobre a maioria, fazem surgir a violência urbana.

No corpo das sociedades de classe, especificamente nas cidades, vão surgir então, diversas espécies de violências. Muitos pensadores já deixaram claro em seus trabalhos as variadas formas de violência existentes (social, institucional, política, etc.). Porém, esses vários estudos se atêm basicamente em discutir a violência nas suas variáveis, sem buscar compreender a base que dá origem a tais variáveis. Estas variáveis, por sua vez, estão inclusas numa estrutura mais ampla, uma totalidade que envolve todas essas formas de violência, embora possam ou não ser uma forma de violência urbana. Nesse sentido concordamos com o sociólogo Nildo Viana, para quem a violência urbana não é a violência que ocorre no espaço urbano e sim a violência derivada da organização desse mesmo espaço. Portanto, a violência urbana é a expressão da relação imposta pela classe dominante às classes dominadas a partir da organização social estabelecida nas cidades, dominando outras localidades, que tem como base de sustentação o modo de produção.

Agora podemos partir para a última questão colocada no início de nossa discussão, ou seja, por que a violência urbana é um dos principais fenômenos da modernidade. Bem, com o desenvolvimento do capitalismo, as cidades são estruturadas de tal forma que por si só são uma forma de violência urbana, já que não permitem que as pessoas exerçam o que de mais valioso há na vida humana, que é a liberdade. Com o crescimento das cidades, conseqüentemente, desenvolvendo seu modo de produção, a classe que domina impõe seu modo de viver a toda a sociedade, no intuito de preservar seus privilégios.

É uma dessas imposições trata da manutenção da propriedade privada. Algumas questões derivadas desta manutenção vão surgindo, como as mudanças ocorridas em uma das expressões da propriedade privada que é a residência. Assim, cercas, grades, muros de pedras, portões e portas que abrem ao toque de um controle, cercas elétricas, até mesmo seres humanos feitos de seguranças munem residências, terras, comércios, aumentando ainda mais a tensão social e o espectro de desigualdade. A cada



A favela de Kibera, localizada em Nairobi, capital do Quênia, tem 800 mil habitantes.

dia que passa as residências vão sendo transformadas em grandes fortes, como se a sociedade estivesse se preparando para uma guerra. Veja que há aí uma distância enorme entre aqueles que protegem sua propriedade e aqueles que nada têm para proteger.

Esta é a demonstração clara da luta de classes. É a violência urbana sustentada no mais concreto mundo movido por relações sociais hostis ao homem. Ainda em relação à moradia, parte da sociedade vive amparada apenas por lonas estendidas por alguns pedaços de madeira, o que quer dizer que a maioria é desprovida de propriedade. Neste ínterim, as pessoas são impedidas de desfrutar da liberdade e vão sendo impelidas a viver numa prisão disfarçada. Ocorrem mudanças na vida coletiva, transformando-a em vida privada. Quanto mais se desenvolve a sociedade, menos liberdade os indivíduos têm para viver. Em Xangai, por exemplo, cidade mais populosa da China, com uma população estimada em 9.031.200 habitantes, o problema maior é o acesso aos itens fundamentais para a vivência/sobrevivência: casa/moradia, escola, saúde/saneamento, entre outros comenta a pesquisadora, Maria da Glória.

Portanto, a partir da observação sobre a propriedade privada, perceberemos que a organização das cidades é uma verdadeira ameaça às classes oprimidas e um elemento fundamental na germinação da violência urbana. Podemos também citar, como exemplo da relação propriedade privada e violência urbana, o transporte coletivo. O desenvolvimento da produção nas cidades faz com que os trabalhadores se distanciem cada vez mais dos ambientes de trabalho, sendo jogados para as margens do espaço urbano. Assim, para se transportar até o local de trabalho a saída é o transporte coletivo já que o transporte privado é privilégio de poucos. Além disso, grande parte da sociedade global não tem nem mesmo condições financeiras de pagar pela passagem de um transporte coletivo e aqueles que ainda conseguem pagar por uma passagem se deparam com uma realidade nada agradável, ou seja, uma realidade onde milhares de pessoas vivem a mesma situação desumana e de constrangimento por se utilizar de um meio de transporte cuja qualidade depende da vontade daqueles que detêm o poder e o oligopólio de tais empresas de transporte. Vale lembrar que o objetivo destes



Rio de Janeiro, 15 de abril de 2009. Passageiros do trem são agredidos por agentes da SuperVia (empresa que tem a concessão do transporte ferroviário). A opressão sobre o trabalhador é reproduzida em todos os espaços da cidade.

proprietários não é a qualidade dos transportes coletivos para oferecer um bem-estar para a população, mas, sim, o lucro que lhes trará estes mesmos coletivos. Veja que o meio de transporte coletivo é característico das cidades, concomitantemente, um elemento que estimula e efetiva uma violência típica do espaço urbano.

Podemos ainda falar do ambiente de trabalho que é um dos principais espaços onde a violência urbana é exercida de forma legalizada. Além do constrangimento e do regime de opressão ao qual está submetido, consequência da divisão social do trabalho, já que, nas palavras do pesquisador Robert Park, "a organização econômica da cidade baseia-se na divisão do trabalho", no final do mês o trabalhador recebe um salário que mal oferece condições de diversão. E na sociedade atual, na ótica da classe dominante, o trabalhador não pode sequer contestar essa situação na qual está submetido a viver. Assim, *"para o sistema que explora os trabalhadores, é imperioso que eles não se enxerguem como contestatórios: os operários devem obedecer sempre, senão podem sair da firma de uma hora para outra. Têm que fazer tudo. Até mesmo trabalho fora do horário e ver seus direitos desrespeitados. E se a pessoa cria caso por cada coisa tem que sair a procurar novo trabalho a toda hora. O fraco é como um jogo de empurra. Onde jogar vai bem. Pobre não faz greve. Pobre não deve fazer campanha política porque pobre não tem vez"*, explica Kowarick.

E aos desempregados resta buscar alternativas para sobreviver. A violência que a organização das cidades lhes impõe não permite sequer que os mesmos se revoltam com essa situação, ou, caso isso aconteça, sabem bem o destino: engordar os espaços prisionais

e ser apontado como "o violento", "o marginal", "o bandido", enfim, aquele que merece uma punição. Nas palavras de Ciro Marcondes Filho, existe por parte daqueles que detêm o poder político e econômico, uma pressão contrária, de caráter ameaçador (chantagista), para impedir qualquer mudança que reverta em melhoria substancial da população. A violência urbana tem o privilégio de se perpetuar a partir do regime de opressão que as pessoas sofrem nos ambientes de trabalho. Nesses ambientes, maior parte da humanidade busca o meio de sobrevivência. E é aí que está uma questão primordial, pois, a organização imprimida no espaço urbano permite que essa violência seja efetivada temporariamente, senão, diariamente. E cada vez mais o urbano se torna hostil à vida dos oprimidos.

Essa hostilidade é clara quando da relação desigual que as instituições dirigem às pessoas nas cidades. Instituições escolares, hospitalares, recreativas, enfim, instituições públicas e privadas são criadas para servir à população de forma diferenciada. Aqueles que são integrantes das classes oprimidas são profundamente violentados quando se deparam, numa determinada instituição, com um indivíduo da classe dominante. Assim, estar numa universidade pública e de "qualidade" é privilégio daqueles cuja classe lhes permite estudar, e, em caso de países onde há a seleção para ingresso no ensino superior, a exemplo do Brasil, a aprovação se torna assegurada quando o passado escolar for baseado em escolas particulares, ou mesmo, de qualidade superior às escolas públicas de ensino fundamental e médio. Outro contraste existente é o atendimento à saúde. Esta talvez seja, na atualidade, uma das violências urbanas mais visíveis, já que afeta

explicitamente as pessoas que não têm condições financeiras para pagar pelos serviços de hospitais particulares.

A violência urbana atinge todas as instâncias da sociedade dominando inclusive as relações sociais camponesas, adentrando até mesmo aqueles lugares que pensamos estarem livres dela, ou seja, dentro de nossas casas. Aqui podemos evidenciar duas formas pelas quais a violência no espaço urbano é efetivada. Ela acontece por vias explícitas, através do uso de força física, como a utilização de polícia e do poder judiciário, instituições, etc; e por vias implícitas, através dos meios

de comunicação de massa (televisão, jornais, rádio etc). Rosemary de Oliveira, no seu texto *Violência Urbana, Exclusão Social e Identidade*, ao discutir a violência afirma que há "uma violência disfarçada via repressão escondida em ideologias e manobras do Estado e das classes dominantes para garantir o status quo; o segundo é a violência física visível dos roubos, crimes e assassinatos crescentes nas grandes cidades, verificada não como originária em si mesma, mas uma violência contextualizada, resultado da história de repressão, exclusão e corrupção".

Embora exista uma concepção dominante de que a violência urbana está associada às agressões claramente visíveis, ressaltamos que a violência oculta é a que predomina no espaço urbano, e a maior parte da sociedade é vítima dessa violência e constantemente impelida a não perceber que estão sendo vítimas de determinadas práticas violentas. Mesmo não percebendo, sentem que estão sendo violentados. Ocorrem então as reações a essas opressões ocultas. Podemos citar como exemplo, as diversas pessoas que se alimentam dos restos recolhidos em lixões, em implorações feitas em portas de botecos, lanchonetes etc. Algumas pessoas quando chegam ao estágio limite da fome, recorrem à última solução, ou seja, pegar daquele que tem para satisfazer a essa necessidade biológica e natural. Outro exemplo que pode ser citado para demonstrar a ocorrência de uma violência oculta são as atitudes e comportamentos provenientes do regime estabelecido nos ambientes de trabalho. Há aí uma constante violência legalizada que



Charge de Angeli, Folha de São Paulo, 14/05/2000. No espaço das cidades novas formas de exclusão e segregação são criadas como subprodutos da dinâmica capitalista.

impede o indivíduo de desenvolver suas diversas habilidades fazendo dele vítima da divisão do trabalho. O estado físico e emocional de um trabalhador ao enfrentar a carga horária de um dia de trabalho o torna apático e sem ânimo para desenvolver outro tipo de atividade.

Por meio dos meios de comunicação de massa, efetiva-se também uma forma de violência que ocorre principalmente dentro das residências. A televisão, o rádio, jornais, entre outros, exerce uma violência que não é perceptível por grande parte das pessoas. Portanto, a violência urbana ocorre por duas vias, uma que é explícita e outra implícita, e a violência implícita predomina na sociedade, embora, aparentemente, predomine a violência explícita.

Uma infinidade de outras questões, relacionadas à violência urbana, poderiam aqui ser elencadas, como a falta de alimento para a grande maioria das pessoas de todo o mundo, cobrança de impostos das mais variadas espécies, o controle cotidiano por meio da organização do tempo onde tudo tem que ser realizado num determinado prazo, numa determinada hora chegando a criar o ditado comum de que tempo é dinheiro, o controle implícito exercido através de placas de sinais, semáforos, símbolos, a própria existência da burocracia exercendo um controle rígido sobre o trabalhador, enfim, tudo isso dito até então, pode ser resumido numa só expressão: a violência urbana é fruto da sociedade de classe, onde a classe dominante impõe uma determinada organização nas cidades que vai se expressar

também no campo.

Destarte, a violência urbana vem aumentando na sociedade moderna porque as grandes cidades dominam as demais. Como demonstram os dados recentemente publicados pelo Departamento de Economia e Social Affairs de Nova York, em 1950 havia 86 cidades no mundo com mais de um milhão de habitantes; hoje são 400, e em 2015 serão pelo menos 550.

Com efeito, as cidades absorveram quase dois terços da explosão populacional global desde 1950 e hoje o crescimento é de um milhão de bebês e migrantes por semana. Só para citar um exemplo brasileiro, nas

palavras de Maria da Glória Gohn, a região de Campinas-SP, por exemplo, composta por 87 cidades ou núcleos, tem tido taxas de crescimento superiores à média do país: ela recebeu 173 mil imigrantes entre 1991-96. É um dos pólos preferidos para os investimentos econômicos, mas essa importância gera também a perda da qualidade de vida com mais trânsito, poluição, problemas de segurança etc.

Nesse sentido, então, percebe-se que há muito tempo se discute e há muito tempo soluções são buscadas; num movimento paradoxal, a violência nas cidades a cada dia aumenta mais. Não é necessário uma teoria ou mesmo um conjunto de idéias para perceber que algo está errado na sociedade. Qualquer ser humano desprovido de um conhecimento escolar expressa claramente, e com muita concretude em seu argumento, que a vida nas cidades é mais sofrida e, a cada dia que passa, o sofrimento aumenta mais e, fundamentalmente, isso precisa mudar.

Enfim, a violência urbana deve ser entendida como a relação social conseqüente da organização das cidades, tendo em sua base a opressão e exploração que a maioria das pessoas sofre nos ambientes de trabalho pelos detentores do poder. A violência urbana, ao contrário do que acontece na atualidade, não será solucionada utilizando-se da opressão ou da coação social. A superação da violência urbana é possível com a superação desta mesma relação existente na base que lhe dá origem, ou seja, da relação entre opressão e exploração. ■